

# EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA BANDEIRA NACIONAL

## Símbolo Sagrado da Pátria

Gilberto Affonso Ferreira Paiva

Cap Esp Av

*“Todo gerado nasce imperfeito e tende à perfeição.*

*Ninguém ama ao desconhecido,  
precisamos conhecer para amar mais”.*

*Santo Tomás de Aquino*

Os autores definem símbolo, de um modo geral, dizendo ser uma palavra que vem do grego, symbolon, sinal de reconhecimento obtido pela aproximação das duas metades de um objeto previamente partido para este reconhecimento. Símbolo é qualquer representação de uma realidade por outra.

O linguista Ferdinand de Saussure definiu-o por oposição ao signo, pelo seu caráter não arbitrário, havendo sempre um liame natural entre o símbolo e aquilo que ele representa: a balança, símbolo da justiça, não pode ser substituída por outro símbolo qualquer. Outra característica do símbolo é tomar emprestadas unidades significativas de um sistema já constituído, submetendo-as a uma nova organização. Assim, em certos contextos, o lírio simboliza a pureza; para os cristãos, a cruz representa o martírio de Cristo.

Guilherme Ferrero, um dos primeiros investigadores da origem psicossociológica do simbolismo, divide os símbolos em duas grandes categorias: intelectuais e emotivas, isto é, aqueles que são destinados a despertar imagens e ideias, e aqueles que são destinados a despertar emoções, porque há diferenças notáveis entre essas duas classes de símbolos.

O símbolo fala à imaginação. Por isto, ele é entendido pelas crianças e, até mesmo, pelos povos primitivos. Se os símbolos não existissem, não haveria a linguagem, que é a materialização simbólica das ideias.

Outro autor exemplifica: “O homem, quando teve ciência de uma verdade divina, simbolizou-a, de modo que a consciência humana pudesse compreendê-la melhor e sempre. As nações, os idiomas e os costumes mudaram. Contudo estes desenhos antigos continuam iluminando a humanidade com sua luz mística”.

Nas épocas mais recuadas da História, a humanidade foi instruída no conhecimento abstrato das verdades, por símbolos e parábolas. E, foi por falarem através de símbolos, que todos os grandes fundadores de religiões foram compreendidos e amados.

“Em 318 depois de Cristo, o imperador Constantino, no momento de entrar em luta com Maxêncio, na Ponte Mílvia, apelou para o Deus dos Cristãos e então, em pleno dia, viu no céu, para o lado da ponte, uma cruz luminosa com estas palavras, em grego: ‘Com este sinal vencerás’. Na noite seguinte, apareceu-lhe Cristo mostrando a Cruz e convidando o monarca a mandar executar uma insígnia que a representasse. Essa insígnia, estandarte em forma de Cruz, dali em diante, acompanhou o exército de Constantino.

Na batalha, Maxêncio perdeu a vida, e Constantino entrou vitoriosamente na Urbe, com o título de Augusto.

Segundo Prudêncio, o lábaro continha uma coroa, uma cruz e o monograma de Cristo.

A cruz de Constantino se perpetuaria em muitas bandeiras modernas por influência do Cristianismo”.

“Nas mitologias etrusca, egípcia, grega, romana, escandinava e indu são conhecidos símbolos nos quais aparecem animais, vegetais, astros e coisas tidas, como protetoras do homem e dos povos, merecendo respeito e adoração. Imperadores e reis, a nobreza e o clero, com esmerado zelo inscreveram nas armas e brasões os feitos destacados dos ancestrais ou os signos diversos que lhes afiguravam propícios”.

“No alvorecer da civilização, quando os homens ainda combatiam nus, facilmente se concebe que eles usassem certos sinais que os distinguissem uns dos outros, na faina da guerra. Herbert Spencer, nos ‘Princípios da Sociologia’, quando trata das instituições cerimoniais, entende que, entre os povos primitivos, as insígnias eram usadas, como trajes, para despertar admiração; e logo no começo da sua obra ‘A educação’, opina que o adorno, cronologicamente, precedeu o vestuário. Os primeiros brasões teriam sido feitos no próprio corpo, por meio da tatuagem e ornamentos grosseiros, como ainda hoje os empregam alguns povos rudimentares”.

“Quando Pedro, o Eremita, mostrou aos povos cristãos a Cruz que os deveriam guiar à conquista da Terra Santa, realizou a epopeia das Cruzadas, principiaram as distinções entre os povos pelas bandeiras. Primitivamente, todos estampavam, em pano branco, a cruz vermelha. Depois à proporção que se reuniam contingentes fortes de diferentes países, cada qual deu à cruz sua cor predileta: os franceses continuaram

com a cor vermelha; os italianos e suíços, a cor amarela; os flamengos e lozanos, a verde. Aliás, data dessa época, a verdadeira consagração dos símbolos. Porém, só a partir do século XV, tornaram-se conhecidas as bandeiras na sua forma atual”.

As legítimas Bandeiras Nacionais, encerrando em si o amor e a alma das pátrias, deixando de exprimir simples emblemas de família ou soberanos para serem representações vivas das nacionalidades, datam, ainda, de mais tarde. A primeira que tremulou ao vento foi a norte-americana, em 1775, quando os revolucionários lutavam para libertar a jovem América da Inglaterra. Ela mesma serviu de modelo para a bandeira oficial, criada dois anos após, pelo Congresso Americano.

A França conturbada em 1792, por intermédio de uma Assembleia Nacional, fez das cores azul, branca e vermelha – sob a inspiração de Lafayette – o pavilhão que tantas vezes tem servido de guia dos passos da humanidade.

A origem das bandeiras revela, portanto, sua tradição elevada e nobre, símbolo de glória e de fé, síntese de ideias dos indivíduos e coletividades, elo de coesão e de grandeza das nações.

É, sem dúvida, a bandeira o símbolo que mais de perto fala ao coração de todos aqueles que sentem a chama do patriotismo abrasar-lhe a alma.

Na bandeira, com efeito, estão somados a história e os altos feitos da Pátria. Lembrá-los é reviver o passado.

A nossa Bandeira Nacional, se bem que tenha passado por transformações várias, é uma só. Quer tenha panejado nas naus de Cabral, nas batalhas dos Guararapes, na guerra do Paraguai, na 2ª Grande Guerra Mundial, na Itália, nas batalhas de Montese, Camaiore, Monte Prano, Braga e Monte-Castelo, ela é e será sempre a Bandeira do Brasil.

“Sobre a imensa Nação Brasileira. Nos momentos de festa ou de dor,  
Paira sempre, sagrada bandeira,  
Pavilhão da justiça e do amor”.

Olavo Bilac

Mas, quem ama, quer bem e a felicidade do ser amado, não mede sacrifício para colaborar no seu crescimento e sente alegria com seu triunfo.

O amor é alguma coisa de interior ao homem, tendendo, porém, a manifestar-se por meio de sinais exteriores.

“O homem faz a santidade daquilo que crê, como a beleza que ama” (Renan).

O verdadeiro amor se comunica aos outros por meio de símbolos. O mesmo acontece com o amor à Pátria. Queremos vê-la em liberdade, em “Ordem e Progresso”, e sentimos a necessidade de manifestar, externamente nosso amor por meio de símbolos.

A Bandeira simboliza toda uma Nação, assim como a Cruz simboliza uma fé. A nossa Bandeira Nacional, além de simbolizar a sabedoria, é a nossa imagem da Pátria. Por isso mesmo, impõe-se ao culto dos brasileiros. A lei regula a sua apresentação, mas é necessário que o costume a conserve, como uma sugestão permanente da nacionalidade, aos olhos do povo.

É preciso que a educação se faça nos lares, nas escolas, nos quartéis, nas universidades, em qualquer parte, mas sob esse signo de união e fidelidade.

O Brasil, em mais de quinhentos anos de existência, já possuiu dez bandeiras:

- ▣ de 1500 a 1521 – Bandeira real de D. Manuel I;
- ▣ de 1521 a 1616 – Bandeira real de D. João III;
- ▣ de 1616 a 1640 – Bandeira representativa do domínio espanhol sobre Portugal, estabelecido em 1580;
- ▣ de 1640 a 1645 – Bandeira real de D. João IV;
- ▣ de 1645 a 1816 – Bandeira do Brasil como colônia-principado de Portugal;
- ▣ de 1816 a 1821 – Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, proclamado em 1815;
- ▣ de 1821 a 1822 – Bandeira do Reino Unido Constitucional;
- ▣ de 1822 a 1889 – Bandeira do Brasil Império;
- ▣ de 15 a 19 de novembro de 1889 – Bandeira Provisória da República;
- ▣ de 19 de novembro de 1889 aos dias de hoje – Bandeira do Brasil-República ou Bandeira Nacional.

A história da Bandeira Nacional é a própria história do Brasil. Quem conhece a história Pátria sabe que o nosso País, na sua evolução política, desde o descobrimento, passou por diversas fases especiais: Brasil-Colônia, Brasil-Reino, Brasil-Império e Brasil-República. E, durante essas fases características, teve dez insígnias que, através dos tempos, se perpetuaram na consagração desse uso convencional dos povos cultos ▣